

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.009

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**HERMENÊUTICA APLICADA ÀS EPÍSTOLAS PAULINAS E AS IMPLICAÇÕES DO
GÊNERO LITERÁRIO**Hermeneutics applied to the epistles of Paul and the implications of literary
genreEmanoel Querino Domingues¹**RESUMO**

A proposta do artigo visa abordar as implicações do gênero literário, especificamente, as epístolas paulinas, na compreensão e na interpretação de textos bíblicos, refletindo sobre a fundamental importância de saber identificá-los corretamente. Reconhece-se o sentido de ser da hermenêutica, descrevendo sobre as implicações do gênero literário e o processo de interpretação, haja vista que cada gênero possui suas próprias características, princípios e regras específicas de interpretação, sobretudo, as aplicadas ao gênero epístolas paulinas. O problema que norteia a discussão parte da seguinte questão: como o processo de identificação do gênero literário ajuda no ato de compreensão de um texto epistolar presente nas cartas paulinas? A hipótese declara que se o estudo da hermenêutica é imprescindível para a correta compreensão e interpretação das Escrituras, então o verdadeiro significado do texto bíblico e sua aplicação serão adequadamente verificados pela e com o auxílio da ferramenta hermenêutica. Conclui-se que não se pode deixar de ressaltar a importância de alicerçar a compreensão e a interpretação das Escrituras em pressupostos coerentes com as verdades da fé cristã.

Palavras-chave: Hermenêutica. Epístolas paulinas. Argumentação. Ensino bíblico.

¹ Mestre em Ministério pela Carolina University. Mestrando em Direito pela UNICURITIBA. Bacharel em Ciências Contábeis e Direito. Curso Livre em Teologia. Servidor público. Integrante do Conselho Ministerial, Exame de Contas, ABC Vida e de Missões na Igreja Batista do Bacacheri. Tesoureiro do CAEBE. ORCID: <https://orcid.org/000900071047-0451>. E-mail: emamoelauditor@hotmail.com

ABSTRACT

The proposal of this article is to discuss the implications of the literary genres, specifically the epistles of Paul, for understanding and interpreting biblical texts, reflecting on the fundamental importance of knowing how to identify them correctly. The meaning of hermeneutics is recognized, describing the implications of literary genre and interpretation process, given that each genre has its own characteristics, principles and specific rules of interpretation, especially those applied to the epistles of Paul. The problem that guides the discussion is based on the following question: how does the identifying process of the literary genre help in the act of understanding an epistolary text present in the letters of Paul? The hypothesis states that if the study of hermeneutics is indispensable for the correct understanding and interpretation of Scripture, then the true meaning of the biblical text and its application will be properly verified by and with the aid of the hermeneutical tool. It is concluded that it is necessary to emphasize the importance of basing the understanding and interpretation of Scripture on presuppositions that are consistent with the truths of the Christian faith.

Keywords: Hermeneutics. Epistles of Paul. Argumentation. Biblical Teaching.

INTRODUÇÃO

Este artigo elege por finalidade abordar sobre as implicações do gênero literário, especificamente, as epístolas paulinas, na compreensão e na interpretação de textos bíblicos, refletindo sobre a fundamental importância de saber identificá-los corretamente, conhecer as suas principais características e as regras hermenêuticas específicas aplicadas às epístolas paulinas.

A Escritura emprega métodos literários e, como tal, deve ser interpretada como literatura, pois como apontado por Klein² “cada tipo de literatura tem o seu próprio campo de referência, regras, estratégia e propósito [...]”, e, sendo da mesma forma, a Bíblia revelada em linguagem humana, faz-se necessário que no ato de interpretação, considere a aplicação de ferramentas literárias que ajudam no processo de compreensão da mensagem de maneira adequada.

Assim, a priori, observa-se o desenvolvimento de duas competências literárias: linguística e gênero literário. A primeira diz respeito à habilidade do leitor da Bíblia de compreender o sentido pretendido pelo autor; e a segunda, expressa a noção instintiva cultural para discernir as pistas de um gênero em particular e do seu cenário.

O problema que norteia a discussão parte da seguinte questão: como o processo de identificação do gênero literário ajuda no ato de compreensão de um texto epistolar presente nas cartas paulinas? A hipótese declara que se o estudo da hermenêutica é imprescindível para correta compreensão e interpretação das Escrituras, então o verdadeiro significado do texto bíblico e sua aplicação serão adequadamente verificados pela e com o auxílio da ferramenta hermenêutica.

² KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 515.

Elege-se a pesquisa descritiva, pois busca de forma “objetiva descrever as características de uma população ou fenômeno, além de verificar se há relação entre as variáveis”.³ Nesse sentido, a pesquisa tem por finalidade efetivar o estudo da hermenêutica, a fim de compreender e analisar os principais princípios, métodos e regras básicas para uma adequada interpretação das epístolas paulinas, requerendo aprimorar a sua aplicação no processo de elaboração de mensagens e estudo bíblico. Para tal, se fará avaliação de literatura bibliográfica de autores renomados, entre outros, referente ao tema a ser investigado, bem como da Bíblia.

Pretende-se trabalhar na perspectiva da metodologia qualitativa, pois é “aquela que produz dados descritivos: as próprias palavras das pessoas; faladas ou escritas, e a conduta observável”. A metodologia qualitativa proporciona ao investigador a observação de forma holística, ou seja, inclui: cenários; pessoas; sentimentos; processos; relações e símbolos, disponibilizando uma “janela pela qual pode adentrar no interior de cada situação ou sujeito”.⁴

O ponto de partida para a avaliação bibliográfica será o método hermenêutico, pois “o método hermenêutico trabalha com a compreensão, interpretação e significação do texto, a fim de obter um novo olhar sobre o mesmo”⁵, configurando desta forma uma chave que determina o círculo hermenêutico, ou seja, parte-se do texto para sua interpretação e nova interpretação

No mesmo sentido, aborda sobre os modelos de hermenêutica aplicada às cartas paulinas, significa discorrer sobre passagens ou exemplos de questões hermenêuticas adequadas, haja vista ser realizada com fundamento nos princípios e nas regras hermenêuticas gerais e específicas inerentes às cartas paulinas.

1. APRENDENDO A IDENTIFICAR O GÊNERO LITERÁRIO EPÍSTOLAS

No conjunto da Escritura Sagrada existe vários estilos ou gêneros literários, assim, para uma adequada interpretação, é importante realizar uma análise preliminar do texto a ser estudado, a fim de identificar qual o seu estilo literário, pois se deve observar princípios e métodos específicos inerentes à cada gênero literário presente nas Escrituras.

Segundo Hullinger⁶, “a palavra ‘epístola’ vem do substantivo grego *ἐπιστολή*, que se refere simplesmente a uma ‘carta’. As cartas eram usadas extensamente no mundo antigo e correspondem a grande parte do Novo Testamento”, compreendendo 21 dos 27 Livros, cerca de 35% do conteúdo de todo o Novo Testamento, cujos Livros de Romanos até Judas foram escritos ou para uma pessoa individualmente, ou a uma determinada Igreja, ou a uma localidade e ou região específica.

Uma importante indagação a respeito do gênero literário epístola ou carta, é saber o motivo que levou os apóstolos a optarem pela utilização das cartas como meio de

³ MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012, p. 47.

⁴ GÓMEZ, G. R.; et al. **Metodologia de la investigación cualitativa**. Ediciones Aljibe, 1996, p. 62.

⁵ DOMINGUES, Gleyds Silva. **A arte da pesquisa na construção de ideias e argumentos**. Winston-Salem: Piedmont International University, 2019, p. 55.

⁶ HULLINGER, 2019, p. 5.

comunicação. Nesse sentido, Carson, Moo e Morris⁷ apontam dois possíveis motivos: 1º- o movimento cristão primitivo, com o seu crescimento rápido e seus missionários itinerantes, exigia um meio de comunicação à distância; e 2º- a sensação dada pela carta de proximidade pessoal. Assim, percebe-se que a utilização do gênero literário cartas foi uma solução natural.

Interessante que o seu valor canônico, dotado de autoridade, apenas surgiu posteriormente, tendo em vista que não foi a intenção inicial do apóstolo criar premeditadamente um estilo de instrução religiosa. Ademais, na época do apóstolo Paulo o uso do estilo carta era um meio de comunicação que considerava a presença da pessoa do escritor, auxiliando, estrategicamente, os apóstolos a conduzirem os crentes nas diversas igrejas, mesmo à distância.

Segundo Carson, “embora a comunicação por cartas não fosse de forma alguma desconhecida no mundo do Oriente Médio antigo”, por exemplo, pode-se verificar sua utilização em 2 Samuel 11.14-15 e Esdras 4.5, todavia, foi no mundo greco-romano que o estilo literário cartas se firmou como um veículo de comunicação popular, em que Carson, citando Stanley, afirma que a forma básica era constituída de endereço e saudação, corpo e conclusão.⁸ De tal forma, que o endereço e a saudação eram bem curtos, apresentando a fórmula “A” para “B”.

Essa fórmula simples de “A para B” foi utilizada no concílio apostólico às igrejas (Atos 15.23) e na Carta de Tiago 1.1, entretanto, as cartas paulinas se expandem, às vezes, consideravelmente, em que o endereço pode ser composto por três elementos (nome do autor; destinatários; e voto), e modifica a saudação simples por uma oração por bênçãos, e/ou uma menção de graças que “pode ser reconhecido pelos seguintes indícios: o termo “render graças” (*euchristein* em grego); os destinatários; as razões da ação de graças; o objeto desta; a menção de orações”⁹, e, ainda, uma doxologia.

Ademais, as cartas, geralmente, são estruturadas em partes, como, por exemplo, a Carta aos Romanos que apresenta duas partes, a primeira uma tese ou proposição principal e a segunda uma exortação que segundo Reynier:

[...] vem sempre introduzida pelo verbo grego *parakalein* (“convocar”, “exortar”). Este verbo possui a mesma raiz que Paráclito, outro nome dado ao Espírito Santo. Empregando esse termo, Paulo sugere que a parte exortativa é inspirada pelo Espírito Santo e que a vida cristã é uma vida no Espírito.¹⁰

De todo modo, apesar de diversos estudos sobre algum tipo modelar padronizado de formato das cartas, não se obteve consenso universal, conseguindo-se apenas constatar que “Os propósitos variados em que as cartas foram escritas levaram, muito naturalmente, a bastante tipos diferentes de corpos de cartas”¹¹, e que as epístolas neotestamentárias se

⁷ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 261-262.

⁸ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 262.

⁹ REYNIER, Chantal. **Para ler a carta aos romanos**. Paris: Loyola, 2011, p. 15.

¹⁰ REYNIER, 2011, p. 20.

¹¹ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 263.

destacaram por serem bem mais extensas do que os modelos das cartas antigas greco-romanas. Ademais, pode-se apontar certa semelhança de natureza genérica das cartas do Novo Testamento com as cartas antigas, bem como diferenças, provavelmente, advindas da influência judaica e dos propósitos e das situações especiais em que foram escritas.

2. CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO LITERÁRIO EPÍSTOLAS PAULINAS E UTILIZAÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO

Das vinte e uma epístolas ou cartas dos livros do Novo Testamento, treze são do apóstolo Paulo, e nunca é demais ressaltar que, de acordo com Köstenberger, “as cartas de Paulo são de natureza tanto ocasional quanto literária”,¹² portanto, são também consideradas como do gênero epístola, considerando-se que todas as treze epístolas são de autoria do apóstolo Paulo, não se adentrando na discussão sobre a possível não autoria, de maneira que as que levam o nome do apóstolo Paulo são denominadas neste trabalho de paulinas.

As cartas antigas tinham um padrão literário de serem bem curtas, estima-se uma média de 87 palavras; já as cartas neotestamentárias, com exceção de Filemom, 2 e 3 João e Judas, eram extensas, principalmente, a carta aos Romanos que tem cerca de sete mil e cem palavras, acima da média das cartas da Antiguidade, o que demonstra um grande esforço do apóstolo para sua escrita, tendo em vista o alto custo do papiro e das horas necessárias para sua criação.¹³

As cartas apresentam a seguinte estrutura básica: introdução, corpo e conclusão, tendo a introdução e a conclusão uma forma bem padronizada, mas o seu corpo expressa uma ampla variedade de estilos. Por isso, é preciso saber interpretar adequadamente as cartas de Paulo. Afinal, sobre a escrita paulina, o apóstolo Pedro as considerava difíceis de entender. Se para Pedro, que era contemporâneo de Paulo, era difícil entender as cartas de Paulo (2Pe 3.16), acredita-se que a dificuldade maior deva existir atualmente após, aproximadamente, vinte séculos de seu registro.

Em virtude da extensão da obra de Paulo, duas questões importantes devem ser apreciadas, a primeira em relação a um possível tema central e unificador das cartas paulinas, e a segunda, se a teologia paulina ao longo dos escritos tem seu posicionamento alterado sobre alguma questão doutrinária importante. Assim, verifica-se que, provavelmente, não haja um tema unificador.

Ainda para Köstenberger, no processo de argumentação utilizado pelo apóstolo Paulo, verifica-se a recorrência às tradições cristãs, como credos ou hinos (contexto litúrgico tradicional), códigos domésticos (para orientação e apologética), lemas (cultura pagã, é preciso diferenciar das palavras do autor), bem como listas de vícios e virtudes (retratar a depravação pagã, incentivar a andar de forma virtuosa e prevenir do pecado), portanto, o uso dessas tradições reflete em uma certa particularidade e propósito definido.

¹² KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 424.

¹³ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 501.

As cartas podem ser classificadas do tipo de repreensão, de amizade ou de família, estéticas, oficiais e ensaios epistolares, entretanto, segundo Keener, “essas categorias definiram exemplos para a composição das cartas, mas as cartas genuínas do século 1 não podem ser reduzidas a essas categorias estanques”.¹⁴

Destarte, são identificadas duas regras. A primeira regra é um limite que impede que a influência de contextos culturais diferentes do século I, interfira no significado do texto; já a segunda regra, se exegeticamente bem aplicada quanto à semelhança das situações, possui significados com o poder de edificar imensamente e de forma direta a igreja local. Entretanto, Fee e Stuart¹⁵ apresentam quatro problemas advindos da aplicação das regras exegéticas. Primeiro, que nem sempre é muito fácil aplicar os significados dos textos das epístolas à igreja local, tendo em vista o próprio limite de sua aplicação; segundo, que eles não podem ser comprados; terceiro, a realidade dos diferentes contextos culturais que resulta no relativismo cultural; e quarto, à própria dificuldade de sistematização doutrinária epistolar devido a sua característica ocasional ou situacional.

Nesse diapasão, Fee e Stuart discorrem sobre essas dificuldades na aplicação dos textos epistolares, ressaltando quanto à sua limitação que, em regra, a aplicação estendida é legítima porque é verdadeira, pois “é claramente declarada em outras passagens em que aquela é a intenção da passagem”.

Com relação aos textos não comparáveis, Fee e Stuart orientam a efetivação de uma adequada exegese, buscando identificar o significado pretendido pelo autor, reconhecendo que o princípio é atemporal e por isso deve ser aplicado a todas as “situações genuinamente comparáveis”.¹⁶ Ademais, quanto ao relativismo cultural, Fee e Stuart sustentam uma postura de moderação do hermenêuta/exegeta, levando em consideração um grau patente de relativismo cultural oriundo de vários povos ainda presentes no mundo. Todavia, não significa renunciar a princípios eternos e transcendentais, que são padrões da Palavra de Deus a serem sempre observados, mas, tão somente, que “o reconhecimento da existência de certo grau de relativismo cultural é um procedimento hermenêutico válido e é um corolário inevitável da natureza ocasional das epístolas”.¹⁷

Assim, é preciso distinguir questões atemporais estabelecidas nas cartas Paulinas como um padrão moral e princípio eterno, que de forma uniforme e consistente mostra-se bem aplicado às situações específicas semelhantes e que ocorrem na igreja local, além de observar a caridade e o amor cristão na sua aplicação.

Ao se usar a prática hermenêutica é preciso considerar tais critérios, porque eles ajudam o leitor a aproximar-se não apenas do texto, mas do contexto em que eles foram gerados. Por isso, o ato de estudo hermenêutico é imprescindível ao processo de exegese, devendo ser avaliado tais requisitos para que a interpretação não seja tendenciosa e nem mesmo errônea quanto ao significado pretendido pelo autor.

¹⁴ KEENER, 2017, p. 501.

¹⁵ FEE; STUART, 2011, p. 93-107.

¹⁶ FEE; STUART, 2011, p. 93-96.

¹⁷ FEE; STUART, 2011, p. 99.

Paulo ao se utilizar de alegorização numa passagem na Epístola aos Gálatas 4.21-30 (Sara e Agar, alegorias das duas alianças), pode ter causado perplexidade e acusação por parte de teólogos liberais de que teria usado métodos hermenêuticos ilegítimos para o seu tempo, entretanto, Virkler adverte que “se, deveras, Paulo serviu-se de métodos ilegítimos, certamente isto teria significativas implicações para nossa doutrina da inspiração”.¹⁸ Todavia, o próprio apóstolo declara que se trata de uma alegoria constante no versículo 24, ao anunciar que “estas coisas são alegorias, porque essas mulheres são duas alianças”. Ou seja, numa análise mais detida, Paulo se utiliza da alegorização com um propósito:

[...] não para dar-lhe legitimidade como método de exegese, mas como um *argumentum ad hominem* contra seus adversários e que estavam usando esses mesmos métodos para transformar o uso correto da lei num sistema legalista.¹⁹

Já em relação ao estilo, a carta pode ser considerada um tratado, tendo em vista a amplitude e profundidade em que os temas são abordados. Isso não retira dos escritos sua relevância e aplicabilidade na vida dos seus destinatários e nem na prática de fé dos destinatários atuais desses escritos.

Ainda é preciso ressaltar que os autores do Novo Testamento se utilizaram fartamente dos escritos do Antigo Testamento, esse fato pode ser verificado na simples leitura das notas de rodapé da maioria das versões bíblicas, percebendo-se essa grande frequência de citações do Antigo Testamento pelo Novo, de maneira que comprova, como apontado por Zuck, “a relação orgânica entre os dois Testamentos”, em que “os autores do Novo depositam sua confiança na autoridade do primeiro”, pois não se vislumbram rejeições ou dúvidas dos escritores neotestamentários em relação aos escritos do Antigo Testamento, os quais eram denominados de “Escrituras” pelos escritores do Novo, demonstrando, também, que “eles consideravam o Antigo Testamento a Palavra de Deus”.²⁰

Para Köstenberger, a ampla utilização do Antigo Testamento nos escritos do apóstolo Paulo é uma das características marcantes das cartas paulinas, o que pode ser evidenciado pelo uso da fórmula “está escrito” na introdução dos seus argumentos, como também por sua maneira de abordar diversos temas tratados e embasados teologicamente no Antigo Testamento, de sorte que Paulo se utiliza dos textos da Septuaginta (LXX) em grego, como dos textos hebraicos massoréticos (TM).²¹ Entretanto, verificando as citações do apóstolo, percebe-se a concordância com o texto da versão grega (LXX) (Rm 2.24; 3.14); da versão hebraica (TM) (Rm 1.17; 11.4,35); de ambas as versões (Rm 2.6; 3.14) e outras, em número maior, com nenhuma das duas versões (Rm 3.10-12,15-17), podendo-se, assim, afirmar que “Paulo não se sentia nem um pouco obrigado a seguir determinado padrão para citar o Antigo Testamento ou reproduzir exatamente um tipo de texto”.²²

¹⁸ VIRKLER, 2007, p. 135.

¹⁹ VIRKLER, 2007, p. 135.

²⁰ ZUCK, 1994, p. 292.

²¹ KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015, p. 438.

²² KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015. p. 439.

Aliás, Zuck ressalta que os autores do Novo Testamento ao citarem o Antigo faziam várias modificações do texto original, a saber: i) alterações na gramática; omissão de certos trechos dos versículos; ii) citações parciais; iii) emprego de sinônimos; e iv) apresentação de novos aspectos da verdade.²³

Por outro lado, as citações eram feitas com alguns objetivos como, por exemplo: a) ressaltar o cumprimento ou a concretização de uma predição do Antigo Testamento; b) confirmar que um acontecimento neotestamentário está de acordo com um princípio do Antigo Testamento; c) explicar ou confirmar uma proposição do Antigo Testamento; d) ilustrar uma verdade do Novo Testamento; e) aplicar o Antigo Testamento a um acontecimento ou a uma verdade do Novo; f) sintetizar um conceito ou utilizar a terminologia do Antigo Testamento; g) traçar um paralelo com um acontecimento do Antigo Testamento; e h) associar com Cristo uma situação do Antigo Testamento.

Não se pretende aprofundar nesses pontos, mas tão somente expressar que apesar das muitas citações de versículos e passagens do Antigo Testamento pelo Novo, nem sempre havia correspondência exata entre elas e os textos originais, contudo, percebe-se que não se vislumbra discrepâncias entre o Antigo Testamento e as citações no Novo, nem desprezo pelos princípios da interpretação normal, gramatical e histórica, nem alteração do seu significado original das passagens, ou mesmo que se tenha percebido sentidos ocultos nas passagens, tendo em vista que pelo contexto, observa-se que à luz do Novo Testamento ocorreu uma expansão do significado por meio da inspiração do Espírito Santo, a fim de estabelecer uma relação com Jesus.

Zuck, ainda, faz algumas ressalvas muito importantes, a saber: i) aparentemente os autores humanos da Bíblia nem sempre entendiam plenamente tudo o que escreviam, até que Deus por meio de um mensageiro revelasse o seu significado; ii) o caráter progressivo da revelação precisa ser reconhecido, em que com as novas revelações completavam, ampliando a compreensão da revelação até então parcial; iii) a natureza profética de certas passagens pode não ter sido percebida até que se tenham cumprido; e iv) a expansão ou elevação de uma passagem em alusão a Cristo é outra de que Deus pretendia dizer mais do que os autores tinham conhecimento.²⁴

Desta forma, Zuck frisa que à luz da concepção das implicações relacionadas, ou referências *plenior*, uma passagem tem apenas um significado, mas pode ter mais de um referente como, por exemplo, em Salmos 78.2 (Assafe e Jesus) e Mateus 13.35, sendo tal concepção condizente com a interpretação histórico-gramatical, com a ideia de um só sentido da passagem e com a revelação progressiva.²⁵

Diante disso, há que se ressaltar que “o maior desafio interpretativo talvez seja como compreender como o apóstolo Paulo fazia a exegese de um texto específico do Antigo Testamento ou chegava a certa interpretação de uma determinada passagem”.²⁶ Isso possibilitaria identificar

²³ ZUCK, 1994, p. 301-312.

²⁴ ZUCK, 1994, p. 312-315.

²⁵ ZUCK, 1994, p. 316.

²⁶ KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015, p. 440.

a maneira como ele fazia uso da linguagem e da interpretação de porções escriturísticas. Nesse sentido, um meio para se buscar entender a exegese utilizada pelo apóstolo, é observar os métodos hermenêuticos utilizados pelos rabinos judeus, pois, provavelmente, o influenciaram no ato de escrever, dando o significado contido na mensagem.

Desta forma, Köstenberger defende em relação ao estilo do apóstolo que “o mais provável é a sua afinidade à exegese rabínica, chamada *midrash*” e que significa “interpretação” ou “comentário”.²⁷ Sobre isso, ele reitera, ainda, que:

[...] o *midrash* primitivo é reconhecido pelas sete regras (*middoth*) atribuídas a Hillel, famoso rabino do século primeiro”, enfatizando apenas as três regras mais encontradas nas epístolas de Paulo, a saber: a) *qal wahomer* (“leve e pesado”), um argumento do menor para o maior, isto é, o que se aplica num caso menos importante certamente se aplicará num mais importante (exemplo: Rm 5.10); b) *gezerah shawah* (“regra da equivalência”), um método que afirma que passagens que compartilham vocabulário parecido se esclarecem mutuamente (ex: Rm 4.7-10; 11.7-10) e c) *Kelal upherat* (“geral e particular”), em que um princípio geral pode ser deduzido de uma passagem específica e vice-versa (ex: Rm 13.8-10).²⁸

As sete regras possibilitam compreender o sentido do texto e sua aplicabilidade no contexto da mensagem, contudo é possível identificar na afirmação de Köstenberger, que o apóstolo Paulo fez uso de três regras no processo de argumentação.

Todavia, a natureza exata da dependência de Paulo ainda é motivo de debate, visto que o judaísmo rabínico se desenvolveu somente após o primeiro século, além do que algumas regras hermenêuticas judaicas são princípios lógicos gerais de argumentação, como a regra de “leve e pesado”, que reflete o argumento geral, a *fortiori* (“do menor para o maior”) usado em diferentes culturas.²⁹

O apóstolo Paulo interpretava o Antigo Testamento aplicando-o em seus escritos epistolares, porém, às vezes, não se consegue facilmente compreender o método de interpretação utilizado, o que gera certa dúvida quanto à qualidade da interpretação, aparentemente não adequada.

Numa análise mais apurada do uso do Antigo Testamento nas epístolas paulinas, constata-se que Paulo se utilizava de versículos e conceitos veterotestamentários em outros contextos históricos e teológicos, em alguns casos, de versículos com o sentido alterado, porém, o apóstolo sempre permaneceu fiel à mensagem e ao contexto original.

3. PANO DE FUNDO E DESCRIÇÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO DAS EPÍSTOLAS PAULINAS

Refletir sobre o pano de fundo fazendo a descrição de pontos principais sobre o contexto é importante, haja vista que é preciso fundamentar a compreensão e a interpretação da

²⁷ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015. p. 440.

²⁸ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015. p. 440.

²⁹ KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015, p. 441.

passagem bíblica, considerando além do contexto cultural (diacrônico), também o pano de fundo (sincrônico), ou seja, o cenário do momento em que foi escrita a Epístola, tendo em vista que “Paulo, por exemplo, não pode ter tido em mente algo acerca do qual nem ele nem seus leitores já tinham ouvido falar; o significado do apóstolo pelo menos deve ter sido uma possibilidade no século I”³⁰, o momento até então próximo ou presente ao ato da escrita.

Existem limitações para a interpretação advindas dos contextos culturais, literários e do próprio pano de fundo da passagem, pois o contexto é definidor da mensagem apresentada, porque ele revela a razão de ser da carta endereçada aos seus destinatários, de tal forma que “o conhecimento do contexto nos ajuda a compreender a mensagem de Paulo mais amplamente”³¹ e, da mesma forma o pano de fundo, a situação vivida pelo autor e leitor(es) no momento da escrita da epístola, tornando-se importante abordar, mesmo que de forma singela, o pano de fundo de cada uma das treze cartas ou epístolas paulinas.

Preliminarmente, ressalta-se que além das epístolas paulinas, o Livro de Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas em Roma (aproximadamente em 60-62 d.C.), torna-se imprescindível para compreensão do pano de fundo das epístolas paulinas, haja vista que Atos, em síntese, continua a instrução para Teófilo, mostrando a transição do mundo centralizado em Israel para a Igreja, e, também a expansão aos gentios, a missão paulina à Antioquia e ao Império Romano.

Assim, o mundo político do Novo Testamento estava sob domínio do Império Romano, que se estendia num vasto território “Desde o oceano Atlântico, a Ocidente, ao rio Eufrates e mar Vermelho, a Oriente; e desde o Ródano, Danúbio, mar Negro e montanhas do Cáucaso, ao Norte, até o Saara, ao Sul”³², cuja chefia estava sob a ditadura do chamado imperador, “rei” (1Pe 2.17) ou “Augusto” (Lc 2.1), de maneira que com o imperador Augusto (de 27 a.C. a 14 d.C), após cinco séculos de guerras civis em busca de supremacia nas terras conquistadas, foi estabelecida a paz romana e a prosperidade, renovando-se a religião do Estado, construindo-se muitos templos para o culto ao imperador, inclusive, estendendo-se às suas províncias, ordenando-se, ainda, “um censo da população e de toda a propriedade como base para o recrutamento do exército e cobrança de impostos”.³³

Ressalta-se que foi no governo de Augusto que Jesus nasceu (Lc 3.1), contudo, posterior a morte de Augusto, sucede ao trono seu filho adotivo, Tibério Nero (de 14 a 37 d.C.), trazendo em seu governo um período de muitos reveses políticos e perturbações. Foi em seu governo que Jesus Cristo iniciou seu ministério, morreu e ressuscitou (Lc.3.1), tendo Nero falecido em 37 d.C., sucedeu-lhe Calígula (de 37-41 d.C.), que de um governo popular passa administrar muito mal os recursos do tesouro, torna-se tirânico, inclusive, fazendo-se “adorar como um deus, o que afastou os judeus do seu reino”³⁴, sendo assassinado por um chefe da guarda imperial.

³⁰ FEE; STUART, 2011, p. 87.

³¹ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 440.

³² TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento**: sua origem e análise. São Paulo: Shedd, 2008, p. 17.

³³ TENNEY, 2008, p. 19.

³⁴ TENNEY, 2008, p. 20.

Cláudio assume o império (41-54 d.C.), período em que se iniciou a expansão missionária da Igreja (At 18.2), e, em que os “judeus foram expulsos de Roma devido a alguns tumultos, provavelmente, devido à pregação de Jesus ou provocado por um outro insurgente com o nome de *Chrestus*, mas “de qualquer modo a expulsão dos judeus teria sido, porventura, aquela que causou a saída de Áquila e Priscila de Roma (At 18.2)”.³⁵

Sucedeu-lhe Nero Cláudio César (de 54-68 d.C.), cujo período, também, foi de expansão missionária (Lc 25.1-12), mas tal qual o de Calígula, foi um governo marcado pela má administração, violência e opressão tirânica, ocorrendo um grande incêndio em Roma (64 d.C), que destruiu boa parte da cidade. Nero acusa os cristãos pelo incêndio, o que resultou em perseguição, prisão, tortura e morte de muitos cristãos, situação vivenciada, segundo a tradição, por Pedro e Paulo que “[...] pereceram nessa perseguição, a primeira realizada pelo Estado”³⁶, podendo ter chegado até as províncias devido aos excessos de Nero (1Pe 4.12-19), que inclusive caso “[...] um inimigo lhes fizesse mal ou os acusasse falsamente, raramente poderiam procurar confiadamente as autoridades governamentais em busca de proteção”.³⁷

Importa ressaltar, ainda, que a reduzida referência aos acontecimentos históricos do mundo romano, não deve surpreender os leitores das epístolas, haja vista que o objetivo dos escritores do Novo Testamento consistia mais no judaísmo, sendo, ainda, a mensagem dirigida ao interior das pessoas e não as circunstâncias externas. Todavia, é muito importante tomar conhecimento desses fatos históricos, pois “o Novo Testamento relaciona-se com o ambiente político do século I e sua importância histórica deve ser interpretada de acordo com essa relação”.³⁸

A cultura helenística também influenciou, sobremaneira, a sociedade do século I, permeando tanto o ocidente como o oriente, de tal maneira que a língua grega se tornou a língua falada em Roma, e os filhos da aristocracia romana eram enviados às universidades gregas em Atenas, Rodes, Tarso e outras cidades, com intuito de aprender a falar o grego.

Além do mais, com as conquistas de Alexandre, o Grande, a helenização do oriente teve um rápido incremento, e com a morte de Alexandre, seu império foi dividido entre seus quatro generais (Ptolomeu, Antígono, Lisímaco, e Cassandro), sendo que durante o governo de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C), que tinha ficado com a Síria e o Egito, as Escrituras judaicas foram traduzidas para o grego, cuja versão é conhecida por Septuaginta (LXX), tornando-se a Bíblia habitualmente utilizada pelos judeus da dispersão, e, também, utilizada pelos escritores neotestamentários.

A geografia do mundo do Novo Testamento sob Império de Roma compreendia muitas regiões, sendo que nas principais regiões estavam localizadas as igrejas, cuja correspondência pode ser assim estabelecida: Itália (Igreja de Roma), Acaia (Atenas, Igreja de Coríntio), Macedônia (Igreja de Tessalônica); Ásia (Igreja de Éfeso; Laodiceia), Galácia, Licaônia,

³⁵ TENNEY, 2008, p. 21.

³⁶ TENNEY, 2008, p. 23.

³⁷ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 474.

³⁸ TENNEY, 2008, p. 26.

Capadócia; Psídia; Panfília; Cecília; Lícia; Síria (Igreja de Antioquia), Samaria (Igreja de Cesaréia), Egito (Igreja de Alexandria), Judéia (Igreja de Jerusalém); entre outras.

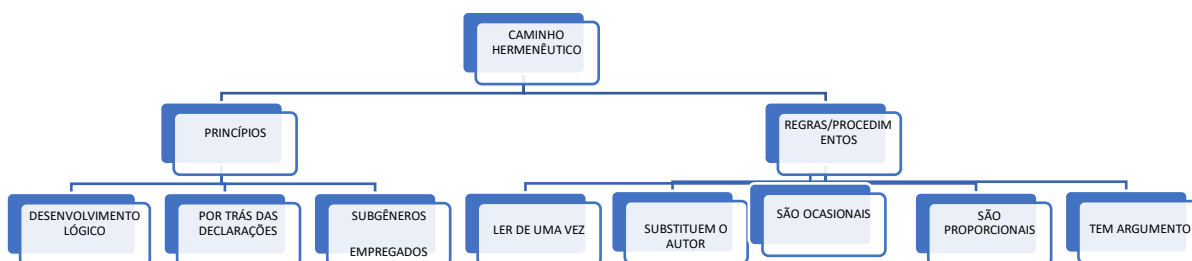
As cartas ou epístolas paulinas geralmente são representadas em três grupos, a saber: epístolas de viagem (Rm, 1 e 2 Co, Gl 1 e 2 Ts); epístolas da prisão (Ef, Fp, Cl e Fl); e epístolas pastorais (1 e 2 Tm e Tt). Neste trabalho, adota-se esta divisão no intuito de fazer uma breve exposição sobre o contexto em que foram produzidas tais epístolas.

4. PRINCÍPIOS E REGRAS DE HERMENÊUTICA APLICADOS AO GÊNERO LITERÁRIO CARTA

Os princípios e as regras hermenêuticas aplicados para a adequada compreensão e interpretação das Epístolas são apresentados por Hullinger³⁹, a saber: a) as cartas devem ser lidas numa sentada; b) as cartas representam, ou substituem, o autor, tendo plena autoridade; c) as cartas são documentos ocasionais; d) as cartas são proposicionais; e e) as cartas possuem um argumento.

Por conseguinte, Osborne⁴⁰, também, aponta três princípios hermenêuticos, a saber: 1) estude o desenvolvimento lógico do argumento; 2) estude a situação por trás das declarações; e 3) verifique os diferentes subgêneros empregados nas epístolas. Ressalta-se que, ambos os autores apresentam caminhos relacionados à maneira como é preciso olhar para o argumento contido nas cartas, por isso é que se pode fazer a integração de suas ideias, porque uma complementa a outra. Nesse sentido, é possível fazer a seguinte ilustração a partir desta integração e que se apresenta com a finalidade de traçar um caminho hermenêutico a ser trilhado.

FIGURA 1: CAMINHO HERMENÊUTICO NO ESTUDO DAS CARTAS



Fonte: Autor, 2022.

³⁹ HULLINGER, 2018, p. 5.

⁴⁰ OSBORNE, 2009, p. 407-411.

Desta forma, cabe agora fazer a descrição dos procedimentos apontados com relação ao estudo hermenêutico. Assim, as cartas devem ser lidas do começo ao fim em uma sentada, a fim de facilitar a melhor compreensão, entendendo seu fluxo de ideias e a argumentação da mensagem transmitida pelo autor original, mesmo porque, as cartas quando foram escritas não eram divididas em capítulos e versículos. Por isso, é preciso evitar isolar um versículo do seu contexto. Afinal, as cartas do Novo Testamento eram tão autoritativas para uma igreja local, porque representavam ou substituíram à presença pessoal de um apóstolo, o autor da Carta, tendo, assim, plena autoridade.

Ademais, as cartas são considerados documentos ocasionais por terem sido escritos, em regra, à luz de uma situação ou problema determinado, como na Primeira Carta aos Coríntios, que foi escrita à luz das rivalidades e das divisões na igreja, “[...] com o propósito de corrigir desordens que haviam surgido na igreja de Coríntio e para definir aos fiéis um modelo de conduta cristã”⁴¹, bem como na Carta aos Gálatas que foi escrita, tendo como objetivo, “oporse à influência dos mestres judaizantes que procuravam destruir a autoridade de Paulo”⁴², a julgar que o entusiasmo pós-conversão dos Gálatas tinha diminuído devido ao ensino judaizante, o qual propagava que a justificação e santificação vinham por meio da obediência à Lei Mosaica somada com a fé.

A afirmação de que as cartas são propositais, significa que cada uma delas foi escrita com uma finalidade específica, um propósito definido e claro, que, geralmente, surge da necessidade de alguma instrução doutrinária ou para corrigir má conduta moral dos cristãos. Sendo por isso, importante, buscar entender a finalidade do autor ao escrever, que seguramente conhecia a situação cultural. Sobre isso, Keener⁴³ enfatiza que é preciso tentar se “colocar na situação original do autor e, então, captar o fluxo de pensamento dele lendo-a com todo o contexto na mente”, bem como buscar se identificar com a situação dos destinatários das cartas, analisando como os princípios identificados daquela situação se aplicam nos dias de hoje na Igreja.

Hullinger afirma que após estudar uma epístola, é preciso ser capaz de dizer em uma ou duas frases qual o propósito da carta, denotando-se uma declaração de conteúdo, que responde a pergunta “o quê?” ou “o que há nesta carta?”, verificando-se, normalmente, exortações, conselhos, incentivos, recomendações, instruções, entre outros, bem como uma declaração que indague o “por quê?”, qual o propósito desta carta?, cujas respostas dependem da situação específica que demandou a sua escrita como, por exemplo, a Carta de Paulo aos Colossenses que foi escrita diante da introdução na igreja de doutrinas hereges com elementos do ascetismo.

Em relação às cartas possuem um argumento lógico, Hullinger entende como sendo um dos princípios mais importantes na compreensão de uma epístola, pois é preciso seguir o fluxo de pensamento do autor, pois cada parágrafo, frase e versículo da carta estará logicamente interligado de forma coerente, ao todo, pois é assim que o autor prova e

⁴¹ PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia livro por livro**. São Paulo: Vida, 2006, p. 323.

⁴² PEARLMAN, 2006, p. 340.

⁴³ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

desenvolve seu propósito. Logo, considerar a sequência de argumentos conectados é de vital importância porque “[...] cada parte da carta é um elo indispensável na cadeia de argumentação”, em que “a maioria dos versículos são mal interpretados porque são removidos do seu fluxo de argumentação”⁴⁴, ou seja, são interpretados de forma isolada, fora do contexto literário da passagem.

Frisa-se que, estudar o desenvolvimento lógico do argumento da epístola, nem sempre é muito fácil, como é o caso de Coríntios e Hebreus e, às vezes, é muito complicado, como em Tiago e 1 João, de maneira que nesses casos, “O importante é relacionar as partes ao todo e perceber como cada parte se relaciona com o argumento desenvolvido pelo autor”⁴⁵, buscando o alinhamento com o contexto literário da passagem bíblica da carta.

Em relação ao princípio de estudar a situação por trás das declarações, é importante porque “[...] pode determinar não somente o contexto para o argumento de um livro, mas também até que ponto a passagem se aplica a situações além das circunstâncias históricas dos leitores originais”⁴⁶, contudo, apesar de não ser sempre fácil conseguir detectar a situação por trás das declarações nas epístolas, em passagens fundamentais, faz-se necessário identificá-las para a correta interpretação.

Quanto à verificação dos vários subgêneros empregados nas epístolas, constata-se que, praticamente, todos os estilos literários são encontrados nas epístolas, sendo imprescindível ao intérprete aplicar os princípios específicos de hermenêutica a cada estilo condizente no ato de interpretar a epístola.

Frente a passagens das epístolas difíceis de compreender o significado do texto para os seus leitores originais, Fee e Stuart⁴⁷ apontam que se deve “aprender a pensar em parágrafos e a fazer as perguntas históricas e contextuais corretas”, todavia existem passagens mais problemáticas que suscitam outros questionamentos, por isso, os autores afirmam que precisam ser observadas algumas diretrizes a fim de auxiliar na sua compreensão e interpretação, a saber:

- 1) Em muitos casos, a razão por que os textos são tão difíceis para nós é que, francamente, não foram escritos diretamente para nós; 2) Apesar de qualquer incerteza quanto aos pormenores exatos, precisamos aprender a perguntar o que pode ser dito com certeza de um texto, e o que é simplesmente possível, mas não é certo; 3) [...] ainda que possamos ter a plena certeza acerca de todos os pormenores, muitas vezes a lição de toda a passagem ainda está dentro do nosso alcance; e 4) [...] é preciso consultar um bom comentário bíblico.⁴⁸

Nesse sentido, é fato que os escritores não escreveram suas cartas com o intuito de atender uma situação em que o leitor atual tenha entendimento, diferentemente da sintonia existente entre o escritor e o leitor original, “[...] o que possibilita ao autor inspirado pressupor

⁴⁴ HULLINGER, 2018, p. 7.

⁴⁵ OSBORNE, 2009, p. 408.

⁴⁶ OSBORNE, 2009, p. 408.

⁴⁷ FEE; STUART, 2011, p. 83.

⁴⁸ FEE; STUART, 2011, p. 83-85.

muita coisa da parte dos seus leitores”⁴⁹, conforme verificado em 2 Tessalonicenses 2.5-6: “Vocês não lembram que eu costumava lhes dizer estas coisas, quando ainda estava com vocês? E agora vocês sabem o que o detém, para que ele seja revelado a seu tempo”, de maneira que o que Paulo lhes dizia pessoalmente, era associado à mensagem transmitida pela carta.

Nos casos de incerteza, é preciso aprender a perguntar, como apontado pelo autor, o que pode ser dito com certeza de um texto, e o que é simplesmente possível, mas não é certo, ou seja, deve-se evitar um posicionamento peremptório, cujos pormenores e significado da situação apresentada pela passagem, possivelmente estejam malogrados eternamente

Todavia, mesmo diante dessa incerteza quanto a todos os pormenores, frequentemente o ensino de toda a passagem está claro, devendo-se utilizar bons comentários bíblicos, sendo aqueles que apresentam as análises dos possíveis posicionamentos ou opções sugeridas pelos estudiosos e eruditos e das soluções que evidenciam os prós e contras.

Questiona-se, ainda, quais as regras hermenêuticas devem ser observadas, a fim de buscar interpretar corretamente a mensagem das epístolas para a Igreja, devendo-se considerar a dificuldade advinda da relatividade cultural, procurando-se distinguir entre os aspectos culturais relativos daqueles que transcendem seu contexto original, como verdadeiros valores normativos a serem aplicados a todos os tempos e culturas, em que Fee e Stuart propõem algumas diretrizes que auxiliam nesse grande desafio, a saber:

1) Devemos, primeiramente, distinguir entre âmbito central da Bíblia e aquilo que é dependente ou periférico nela; 2) [...] devemos estar dispostos a distinguir entre aquilo que o próprio Novo Testamento vê como algo inerentemente moral e aquilo que não é; 3) Devemos dar atenção especial a itens em que o próprio Novo Testamento apresenta um testemunho uniforme e consistente e em que se refletem diferenças; 4) É importante saber distinguir, dentro do Novo Testamento, o princípio da aplicação específica; 5) Pode ser também importante, à medida que conseguimos fazer isso com cuidado, determinar as opções culturais abertas a qualquer escritor neotestamentário; 6) Devemos nos manter alertas em relação a possíveis diferenças culturais entre o século I e o século XXI, que, às vezes, não são imediatamente óbvias; e 7) [...] devemos exercer a caridade cristã nesse ponto.⁵⁰

Sendo assim, distinguir entre o que é essencial na Bíblia e os aspectos periféricos, não significa afirmar que existem partes da Bíblia que não sejam sagradas, ou que existe um cânon dentro do cânon, mas que é preciso “salvaguardar o evangelho de ser transformado em lei através da cultura ou do costume religioso, e, por outro lado, conservar o próprio evangelho contra mudanças que visem a refletir cada tipo concebível de expressão cultural”.⁵¹

Compete compreender que o núcleo essencial se refere à mensagem de redenção do pecador por meio da vida, morte e ressurreição e do segundo advento de Jesus Cristo, em detrimento de detalhes mais periféricos ligados aos costumes culturais do pano de fundo em

⁴⁹ FEE; STUART, 2011, p. 83.

⁵⁰ FEE; STUART, 2011, p. 99-104.

⁵¹ FEE; STUART, 2011, p. 99.

que foi escrita a epístola como, por exemplo, o ósculo santo, o lava-pés e a cobertura da cabeça das mulheres.

É mister distinguir no Novo Testamento, o que é inerentemente ético e o que não é, pois o que é ético é entendido como absoluto e imutável, permanecendo para todas as culturas e em todos os tempos, já as expressões culturais se modificam de uma cultura para outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário dar a devida atenção a questões em que o próprio Novo Testamento apresenta um testemunho uniforme e consistente, como os frutos do Espírito e aquilo que é pecado, diferenciando daquilo que não é uniforme e perene - como o ministério das mulheres na igreja-, tendo em vista que estas questões se comportam mais como culturais do que morais, existindo assim a falta de uniformidade.

É importante saber distinguir o denominado princípio da aplicação específica, ou seja, a possibilidade de um escritor do Novo Testamento aplicar de forma perene uma situação cultural relativa por meio de um princípio absoluto, tornando assim a aplicação absoluta. De semelhante maneira é importante determinar as opções culturais abertas a qualquer escritor neotestamentário, pois reflete o grau de sua adequação diante de uma única opção de situação cultural, contribuindo para o aumento do relativismo cultural como, por exemplo, no caso da escravidão como um sistema, que não era rechaçado pelos filósofos e nem pelos escritores neotestamentários, como resultado da única opção cultural no mundo ao seu redor.

É preciso também se manter alerta em relação a possíveis diferenças culturais entre o século I e o século XXI, que, às vezes, não são imediatamente óbvias como, por exemplo, a significativa mudança do papel exercido pelas mulheres do século I, considerando-se que não era costume oportunizar a elas educação formal, diferentemente dos dias atuais com a universalização da educação, promovendo igualdade de condições e mudanças no papel desempenhado na sociedade cidadã embasada nos valores dos direitos humanos.

A situação é bem diferente em relação às questões do homossexualismo, tendo em vista que “as diretrizes se posicionam contra o relativismo cultural. A Bíblia inteira dá testemunho consistente contra a atividade homossexual, identificando-a como moralmente errada”.⁵² Por conseguinte, deve-se praticar o exercício da caridade cristã como alicerce desses valores e dos princípios da dignidade da pessoa humana, mas, sobretudo, como reflexo do fruto do Espírito Santo que age na vida, influenciando as atitudes e o comportamento de todos aqueles que amam a Deus e ao próximo.

Para que se possa fazer um estudo bíblico direcionado ao ensino e à preleção, faz necessário aplicar critérios hermenêuticos, e isso requer comprometimento com a mensagem a fim de extrair princípios que de fato estejam presentes no texto, demonstrando a seriedade na preparação, no desenvolvimento relacionados ao ensino e a preleções bíblicas.

O estudo hermenêutico requer rigor e conhecimento dos princípios, regras e métodos hermenêuticos, sendo necessário investir tempo, para que de fato seja possível conduzir o

⁵² FEE; STUART, 2011, p. 104.

leitor à compreensão da mensagem a ser significada e apropriada, tornando-se uma realidade de vida.

Por fim, não se pode deixar de ressaltar a importância de alicerçar a compreensão e a interpretação das Escrituras em pressupostos coerentes com as verdades da fé cristã, como a inerrância bíblica, revelação progressiva, inspiração divina, entre outros. Isso porque são eles que irão dar sustentação à maneira como o significado da mensagem poderá ser sustentado.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi>

BÍBLIA Sagrada. Revista e Atualizada. 3.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARSON, D. A. (org.). **A verdade:** como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica:** a exegese e suas falácias. São Paulo: Vida Nova, 2001.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **A arte da pesquisa na construção de ideias e argumentos.** Winston-Salem: Carolina University, 2019.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **A Arte da Pesquisa na Construção de Ideias e Argumentos. Caderno do Aluno.** Material Apostilado. Winston-Salem: Carolina University, 2018

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. Apêndices por Ênio R. Muller São Paulo: Vida Nova, 1984.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GÓMEZ, G. R.; et al. **Metodologia de la investigación cualitativa.** Ediciones Aljibe, 1996.

HULLINGER, Jerry M. **Introdução à hermenêutica:** transcrição da aula 1. Carolina University. Mestrado em Ministérios, 2019.

HULLINGER, Jerry M. **De Esdras até as devoções gnósticas:** a importância do método interpretativo. Winston-Salem: Piedmont International University, 2018.

HULLINGER, Jerry M. **Introdução à hermenêutica:** ferramenta hermenêutica de interpretação: Caderno do aluno. Winston-Salem: Piedmont International University, 2018.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia:** Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MERRILL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento: o reino de sacerdotes que Deus colocou entre nós**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia livro por livro**. São Paulo: Vida, 2006.

REYNIER, Chantal. **Para ler a carta aos romanos**. Paris: Loyola, 2011.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TENNEY, Merril C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Shedd, 2008.

VIRKLER, Henry. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 2007.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1996.